



UNIVERSIDADE, ARTE E FORMAÇÃO SOLIDÁRIA

Paulo Cheida Sans*

Resumo – Este trabalho busca, com base em uma perspectiva reflexiva sobre o progresso ético com a dignidade humana, apresentar uma justificativa filosófica da necessidade de articulação da cultura e arte na universidade, para a expansão de um conhecimento pleno e equilibrado que conduza à formação solidária e favoreça a sua comunidade e a sociedade. O texto defende a ideia da participação do artista contemporâneo nos afazeres do contexto universitário entre as três funções indissociáveis que se completam: ensino, pesquisa e extensão. Defende a constituição de uma universidade contemporânea que possa ser realmente útil para a sociedade brasileira, que se comprometa com a produção do conhecimento, aliando a arte e a cultura em seu cotidiano para a instauração de uma nova consciência social que possa construir a cidadania pautada no bem comum da sociedade.

Palavras-chave: universidade, artista, arte, cultura, cidadania.

INTRODUÇÃO

Refletir sobre a presença do artista na universidade contemporânea compreende uma abordagem sobre as funções da instituição e de seu vínculo com a sociedade.

Deve-se verificar o porquê de a universidade se voltar para a completude da formação, aliando, de modo intrínseco, o ensino, a pesquisa e a extensão em seu contexto de atuação, vinculando-se à propagação e ao estímulo da cultura e da arte em seu meio para formar cidadãos de fato, comprometidos com o "bem" comum da sociedade.

Neste breve texto, há focos de análise sobre a globalização como efeito e influência em nosso cotidiano e em como a universidade deve entender a formação solidária. Como consequência da ampliação do conhecimento da universidade, faz-se necessário sugerir a presença maior do artista em seu meio, para ajudar a equilibrar as bases do conhecimento.

Para ilustrar o desenvolvimento de nossa opinião, fez-se necessário realizar um breve depoimento sobre a nossa participação cultural na universidade e também sobre aspectos da

* Doutor em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor do curso de Artes Visuais e extensionista da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

nossa criação artística com o intuito de mostrar um pouco o modo indissociável do professor artista com a sua época.

É senso comum entender "cultura" como desenvolvimento multidimensional da pessoa ou da humanidade em geral. É também o acervo e a transmissão espontânea de valores e conhecimentos. Essa interpretação geralmente é aceita pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), universidades, fundações e órgãos oficiais de cultura, como ministérios e secretarias.

O sentido de cultura aqui mencionado pertence aos parâmetros das atividades e ações cuja essência seja a elevação do espírito, resultante da assimilação e apreciação de manifestações culturais e artísticas.

O esboço conclusivo aborda uma mensagem sobre a esperança da universidade contemporânea em acolher o artista e a propagação da arte e da cultura para a sociedade.

FORMAÇÃO SOLIDÁRIA

O mundo se tornou mais complexo, com mais facilidade ao acesso às informações de modo geral. Estamos vivendo num ritmo veloz, resultante das super-rápidas mudanças tecnológicas e científicas que nos dão a impressão de que está acontecendo um formidável progresso da humanidade. Com a implantação de um sistema financeiro internacional baseado no capitalismo e com a queda do socialismo real, novas relações e padrões mundiais foram incutidos, gerando novos valores e padrões de estética, produzindo uma espécie de massificação e uniformização de comportamentos.

A evolução ultrarrápida e a constante renovação e criação de produtos de consumo tornaram-se planetárias. Em documento da Unesco, Jacques Delors (1997) situa os três componentes básicos resultantes desse avanço tecnológico, característicos da pós-modernidade. São os seguintes: 1. atingem a todos os países ao mesmo tempo; 2. são transformações extremamente rápidas, de modo que não se chega a implantar definitivamente algo e este já é substituído; 3. as mudanças se tornaram totais, atingem todos os setores ao mesmo tempo: a economia, a política, a cultura, a religião, a educação etc.

O fenômeno gera, como consequência, profunda sensação de insegurança e instabilidade no contexto de admissão de verdades e questionamentos universais, camuflando as raízes mais genuínas de várias culturas.

É extremamente difícil de entender, mas é crucial se ter consciência de relacionar o desenvolvimento local à consciência planetária. Sabemos que as possibilidades do ser humano são extraordinárias desde a origem. Assim como tivemos o cérebro de Mozart, tivemos também o de Hitler. Temos, evidentemente, a possibilidade de desenvolver o planeta assim como de destruí-lo. E tudo isso de modo muito rápido, sem nos darmos conta do que está acontecendo na realidade.

Caminhamos para um progresso incerto, que exige reflexões e ações primordiais e urgentes. Desde o século XIX, o conceito de progresso, característico do desenvolvimento da cidade e da cultura ocidentais, mantém-se desligado de valores essenciais para o ser humano. O princípio imanente do progresso se desenvolveu de modo empírico, tendo como elementos indispensáveis, caracterizados pela produtividade, o aumento da produção e de bens materiais e intelectuais, assim como também o domínio universal da natureza.

A produtividade existe em uma escala ampla para satisfazer às necessidades. Deveria reverter na produção de valores que fossem favoráveis, dignos e adequados para os seres humanos. Se as necessidades de produção englobam tanto alimentação, roupa e moradia, quanto bombas e máquinas de caça-níqueis, "podemos afirmar como certo que o conceito é tão desonesto quanto inútil para determinar o que seria uma produtividade legítima..." (MARCUSE, 2001, p. 116).

A produtividade está cada vez mais direcionada para um fim em si mesma, não se voltando ao seu princípio ético e necessário de se destinar ao bem comum da humanidade.

O modo impressionante com que as pessoas passam a dar excessivo valor ao utilitarismo, como se tudo que existisse tivesse de ter uma utilidade e um fim específico de uso, sempre visando o lucro e as vantagens de tal atitude ou existência, o "olhar" de modo mais sensível vai deixando de existir. Nem mesmo as escolas e as famílias notam esse atrofiamento da sensibilidade que, sem dúvida, compromete um futuro mais digno para a humanidade.

Convivemos com a miséria diariamente, fato que nos mostra, de modo constante, moribundos, crianças abandonadas, violência etc. A deterioração humana assola o nosso mundo. Tornou-se comum a instauração do mal, da negatividade, da corrupção, da explosão de uma pasteurização dos fatos. Acostumamos com a pobreza, com a violência, com a poluição e a sujeira em todos os sentidos. Parece que não enxergamos que pertencemos ao mesmo planeta. Não adianta fingir que não existem crianças maltrapilhas, desempregados, sem-tetos e fome etc. Esse é o nosso mundo carente.

O homem nasce para se tornar humano ou para ser um bárbaro, desumano e cruel. A humanização do homem acontece ao longo de sua vida, no exercício em todas as áreas do conhecimento. O humano é opção, algo que se decide.

Ainda não somos solidários dentro de nós mesmos, estamos perdidos em nosso cotidiano. A solidariedade deveria ser um gesto natural, não ser imposta e não visar nenhum tipo de vantagem. Ainda temos muito a aprender para a consolidação de uma sociedade justa e solidária. O aprendizado começa, antes de tudo, dentro de cada um, num exercício essencial de humanidade pessoal, deixando crescer a reciprocidade e o discernimento sobre o mundo por meio da capacidade do "sensível", um potencial que cada pessoa tem por natureza, mas que nem sempre sabe cultivar e perceber.

A palavra "solidariedade" provém do latim *solidus*, significa o princípio jurídico segundo o qual os membros de um grupo são responsáveis em conjunto pelas ações dos outros membros.

Pode-se dizer que uma sociedade é solidária quando está formada por cidadãos responsáveis perante a vida, consigo, com os demais semelhantes, com a sociedade em conjunto e com as gerações futuras (PETRELLA, 2005, p. 158).

Para a consolidação de um progresso de fato, é basilar a civilização do planeta respeitar as culturas diversificadas e transformar a espécie humana em humanidade. Toda política global deverá ter a pretensão essencial de progredir rumo à sobrevivência da humanidade.

Para Edgar Morin a vida é uma alternância entre prosa e poesia e, por vezes, uma fusão entre ambas. Para ele, a poesia não se restringe a uma qualidade própria das obras poéticas, que nos põe a par de estados de maravilhamento. Ela é "uma iniciação à qualidade poética da vida". São os momentos de comunhão, amor e alegria. Com relação à prosa, Morin, Almeida e Carvalho (2002, p. 89) dizem que "são as coisas mecânicas, cronométricas que nos obrigamos a fazer para ganhar a vida". Para os autores, a "prosa nos ajuda a sobreviver, mas a poesia é a própria vida" (MORIN; ALMEIDA; CARVALHO, 2002, p. 89).

O ser humano é complexo, vive de sonhos, mitologia e imaginário. Temos de buscar um mundo melhor, mais justo e mais humano, menos amargo, sugando do negativo a inspiração para o positivo a fim de direcionar a convivência entre os seres humanos com probabilidades mais esperançosas.

A universidade desempenha uma função significativa e insubstituível ao desenvolver a consciência crítica em todas as épocas da história. "Toda a formação que desconsidera o humano, a humanidade e as humanidades, torna-se uma pregação sobre o homem, e não responde ao sentido de viver e de conhecer" (ROSSATO, 2007, p. 150).

Sobre o papel da universidade, Tarso Genro (2005, p. 11) como Ministro da Educação, declarou:

Se a função da universidade fosse apenas responder aos interesses imediatos da indústria ou do processo produtivo em geral, ela seria só uma continuidade linear da vida econômica e não uma indutora estratégica do conjunto de movimentos – científicos e humanísticos – necessários para os processos de desenvolvimento econômico, cultural e de coesão social que se articulam com a idéia de nação.

FUSÃO DOS SABERES

Geralmente o arte-educador sabe que a criança que desenha assiduamente aguça o raciocínio e desenvolve mais rapidamente a inteligência do que aquela não acostumada a desenhar. Assim a criança que desenha normalmente em sua infância tem mais propensões a aprender matemática facilmente. Em outras palavras, o saber, o conhecimento sobre as coisas, não acontece de modo estanque; os momentos vividos e experienciados são guardados

e mesclados em nossa mente, e, de modo complexo, completam-se e nos auxiliam, nos mais diversificados instantes de nossas vidas.

Para Camilo dos Santos Filho (2007, p. 58), "a ciência é uma cultura imaginativa e por isso tem afinidade intrínseca com as artes e humanidades". Acrescenta: "em razão disso, ambas culturas podem buscar o diálogo, a aproximação e a complementaridade na formação de futuros cientistas, cientistas sociais, literatos e artistas" (SANTOS FILHO, 2007, p. 58).

Atualmente, sabe-se que a nossa mente é muito mais complexa do que se imaginava. Cada vez mais, estão sendo descobertos predicados da arte na vida cotidiana, sendo reforçados pelas novas teorias sobre a inteligência humana. É considerado como certa a existência de outras habilidades inteligentes, além do raciocínio lógico. A capacidade de raciocínio também se revela por meio da sensibilidade em relação às cores, aos sons e às imagens, bem como a capacidade de nos expressarmos por meio dessas linguagens. "Desenvolvermos essa capacidade é, portanto, nos tornarmos mais inteligentes" (COSTA, 2004, p. 13).

A unificação da cultura científica e não científica é uma pré-condição para que se tenha um progresso efetivo para o bem comum da sociedade. Não há superioridade de uma sobre a outra. Ambas são necessárias e fazem parte de um todo.

José Camilo dos Santos Filho (2007, p. 60), mencionando Morin, esclarece:

A cultura científica e a cultura humanista são duas polaridades complementares e não antagonistas. Para que seja possível o diálogo fecundo entre elas, o processo educacional e a educação continuada precisam possibilitar a todo estudante, cientista ou profissional, a experiência da educação geral.

Parece que Darcy Ribeiro sabia isso. Ao mencionar a missão da Universidade de Brasília (UnB), em sua fundação e em sua gestão como reitor, afirmou:

Mas como ajudar a florescer aqui um centro cultural autônomo e criativo? Tentamos contribuir para isso, criando no nosso *campus* um ambiente propício. Foi com esse objetivo que demos casas a artistas que aqui vieram viver, para pintar ou ensinar a pintar, se quisessem; para fazer gravuras ou ensinar gravuras se quisessem; para fazer música e ensinar a apreciar música, se lhes aprouvesse; mas, essencialmente, para conviver conosco, para ajudar a compor uma comunidade universitária, enriquecida por gente criativa em todos os planos (RIBEIRO, 1986, p. 16).

A articulação entre ensino, pesquisa e extensão deveria ser indissociável entre as três funções na universidade para que esta pudesse estar presente de fato na propulsão do conhecimento por meio da pesquisa, de sua função pedagógica de ensino e de sua tarefa social, colaborando efetivamente para a formação de uma sociedade cidadã, mais justa e consciente de valores dignos, para a própria harmonia e felicidade entre os seres humanos.

APRECIÇÃO CULTURAL

De acordo com a pesquisa realizada pelo filósofo e educador Alcione Araújo, a qualidade da produção cultural no Brasil está se deteriorando por causa de um público malformado. Ele considera que a educação brasileira abandonou a formação do cidadão e do ser humano em favor de uma precária formação profissional.

Em sua pesquisa, Araújo (2006) mostra um resultado sobre a apreciação da cultura que está longe do que poderíamos entender como satisfatório. Considerando o país com mais de 186 milhões de habitantes, tendo 52 milhões envolvidos em educação, ele cita que um romance brasileiro é lançado com tiragem de três mil exemplares. Menciona que a ocupação média do teatro brasileiro é de 14% dos ingressos disponíveis. No cinema, ele diz que um número de 600 mil espectadores corresponde ao auge de público. Afirma que na casa do brasileiro tem mais televisão do que geladeira, não tem livro, exceto os didáticos, não tem quadro na parede e não tem instrumentos musicais. Isso faz parte do perfil médio do brasileiro, que desde a infância acostumou a não se interessar pela cultura propriamente, e passa isso de geração a geração. Como se não bastasse, ainda pior, o autor conclui que os professores estão fora da vida cultural (ARAÚJO, 2006, p. 4).

Para que aconteça um respeito adequado à área cultural, a fim de que o espectador possa se sensibilizar diante de uma apresentação artística, é fundamental que a educação aja, participe, envolva o estudante e o prepare para a apreciação cultural em todos os sentidos.

Deveria ser meta, como princípio na educação, o estudante ter contato com a produção cultural. Nos países ditos avançados a educação não se separa da cultura. Araújo (2006, p. 6) menciona também que nos países, como a Argentina e o México, os laços entre a educação e a cultura existem.

É necessário ter um grau de sensibilidade e percepção do mundo para que se possa ser um apreciador cultural. Quem não sabe ler, não tem como apreciar a literatura. Quem não ouve música, não pode apurar seu gosto para ouvir uma música melhor. Quem não sabe apreciar uma obra de arte também não sabe distinguir a que tem qualidade da que não tem. É uma crise instaurada em nossa sociedade. Faz-se necessário que a educação se aproxime da cultura ao mesmo tempo em que se forma um público para a apreciação cultural, pois também serve de auxílio, sobremaneira, para que a produção se mantenha autônoma, buscando sempre a sua elevação qualitativa.

Para a formação de cidadão, é importante que ele tenha sensibilidade e saiba apreciar a arte em seus inúmeros segmentos para que possa valorizar a cultura na qual se insere. Para que aconteça o fenômeno arte é condicional que se tenha um público bem formado e com visão crítica autônoma.

Para João Francisco Duarte Jr. (2006) a experiência estética proporcionada pela obra artística pode ser considerada uma "experiência sensível", que é mais ampla e mais profunda do

que uma simples experiência *sensorial*, restringida no âmbito dos estímulos elementares que oferecem os materiais empregados. "Ela nos fala de vida e morte, de alegria e tristeza, de sorte e fatalidade, de sonhos e desencantos, dialogando com a inteireza de nossa corporeidade" (DUARTE JR., 2006, p. 147).

É indispensável para a formação do cidadão que este alimente sua vida, desde a infância, com respeito, entendimento e criatividade, recebendo a devida atenção por parte dos outros, para que também saiba oferecer e contribuir com o crescimento de outrem. Assim, estará mais apto em sua condição como sujeito social para que a convivência humana aconteça com mais dignidade, que sua conduta seja regida por um olhar mais sensível para os valores essenciais da vida.

Para isso, é primordial que os princípios da natureza lúdica não sejam sufocados e apagados. Nascemos com tendências para a produção e apreciação da arte. Mas, com o decorrer dos anos, conforme a criança adentra no mundo adulto, ela perde ou tem amortecidas suas qualidades artísticas, ditas naturais.

A formação do cidadão carece de estímulo para as artes. No âmbito da América Latina foi na década de 1950 que surgiram galerias e museus, aumentando a quantidade de apreciadores de arte. Mesmo assim, nossas classes médias são fatias pequenas em número e carecem de tradição artística, não sendo acostumadas ao interesse por uma ou algumas das artes. Há um déficit gritante para que aconteça uma apreciação do público que seja mais adequada para todos os segmentos culturais.

O crítico Juan Acha (1994, p. 54) observa:

Na América Latina, as idéias estavam de tal modo atrasadas que se acreditava que bastava o produto artístico e que – não sei por que passe de mágica – a obra de arte irradiaria sua mensagem sobre todas as pessoas, ou então se supunha que a resposta do receptor seria puramente subjetiva. Não se tinha idéia da formação de públicos nem da importância do receptor ou consumidor.

Para Juan Acha (1994) não se podia entender a obra de arte como um todo indivisível. Era necessário perceber seus componentes e diferenciações. O autor afirma que a principal diferenciação está entre o estético e o artístico; menciona que, na Alemanha, quando dita Oriental, os estudiosos perceberam a polifuncionalidade da obra de arte, como sendo "sempre tripartida: seu tema, sua carga estética e o artístico". O estético é subjetivo, mas não os outros dois elementos. Assim como é correto falar do humano do homem, também o é dizer que existe o pictórico da pintura e o arquitetônico da arquitetura. O artístico acontece como generalização.

Umberto Eco (1968) designou como obra aberta a forma como uma obra de arte se dirige a seu público. Ele entende que o artista projeta uma série de significados em seu trabalho,

mas é no público que reside a interpretação e que os significados se realizam. É no espectador que a obra criada adquire sentido. O artista cria um universo de possibilidades que é alimentado pela relação interpretativa do observador. A qualidade interpretativa é flexível e essa inteligibilidade, sempre pronta a novas interpretações e sentidos, caracteriza a obra como sendo aberta.

Por outro aspecto, Juan Acha observa que a obra de arte não é totalmente aberta como se pensava, que perante ela qualquer resposta era cabível. Embora perceba a importância do consumidor, como o faz a estética da recepção, o autor afirma que está mais do lado da estética dos efeitos. O "artista imprime certos efeitos em sua obra, e estes efeitos se cumprirão em sua sociedade e em seu tempo, porém ninguém garante em outras sociedades e épocas" (ACHA, 1994, p. 56). Isso não acontece como fruto de uma apreciação generalizada. São os receptores reais que compartilham esses efeitos criados pelo artista. Como diria Piet Mondrian: "A arte é um jogo e os jogos têm as suas regras".

Quais são os receptores reais de uma obra de arte? Não são todos os seres humanos, são aqueles apreciadores que conhecem as regras da arte. Quem aprecia as obras de Picasso é aquele que sabe *olhar* de modo integral uma obra de arte, com a *mente* e o *coração*. Quem lê Carlos Drummond de Andrade é evidente que são os aficionados por poesia. Assim também acontece com o futebol – que tem os seus adeptos –, as touradas, e assim por diante.

Considerando que o observador aficionado mantém mais interesse sobre o assunto de sua fixação, ele aprende mais facilmente e é mais sensível ao seu foco de atenção do que o observador comum. Existe, assim, um elo comum entre o autor e o observador sensibilizado.

Juan Acha esclarece: "Porém este está muito longe de anular a pluralidade hermenêutica que flutua certos limites. A obra de arte não é completamente aberta, nem suas interpretações possíveis são arbitrarias" (ACHA, 1994, p. 56).

Em outras palavras, o homem em geral pode ser um receptor real, um apreciador da arte e da cultura. Todavia, no contexto artístico, exige-se conhecimento de história da arte e sensibilidade estética. São os apreciadores reais que elevam a obra para a caracterização de artística.

Nem tudo que é feito deve ser entendido como arte. Não é um vale-tudo. O pluralismo de vários meios para um determinado fim, assim como a diferenciação dos meios e fins distintos, que é a diversidade cultural, pode levar às respostas múltiplas. Em "nome do pluralismo não podemos igualar o residual ao emergente" (ACHA, 1994, p. 56).

Juan Acha conclui que neste contexto "pode haver diferenciação e hierarquização, mas não na pluralidade de efeitos que uma obra de arte pode suscitar, nem na pluralidade de aficionados ou receptores" (ACHA, 1994, p. 56).

A UNIVERSIDADE COMO PROPULSORA CULTURAL

A relação do produto cultural com o possível espectador não acontece de modo simples. Quase sempre o produto cultural, ou seja, a música, a peça cênica, uma obra de pintura, enfim, para chegar ao público necessita passar por instituições que têm uma espécie de poder, pelo menos no sentido de emissão de valores culturais.

Para uma produção ser considerada arte não basta ter sido produzida com essa finalidade, mas também ter sido apreciada e considerada como tal pela comunidade, que, por sua vez, tem seus critérios e valores.

A arte tem a natureza de mostrar o comportamento das sociedades, tanto no seu passado como no presente, fornecendo uma rica interpretação da relação das pessoas entre si e o mundo. Isso não precisa estar retratado especificamente no produto artístico, brota da própria circunstância que o faz existir.

Por isso, devemos considerar a intermediação como segmento importante de contribuição para a formação da arte, ou seja, as instituições que lidam com cultura e os meios de difusão por intermédio da imprensa escrita e falada.

A intermediação da propagação da cultura, entre o autor e o espectador, segue uma trajetória turva inculcando valores indignos e alastrando o modo superficial para uma suposta apreciação cultural. Claro que entre as instituições e a imprensa existem aqueles que propagam a cultura de modo genuíno, valorizando o verdadeiro artista, abrindo caminho para a cultura significativa, mas está misturada no cardápio dito artístico e cultural toda a sorte de manifestações e criações, aquelas que merecem ser realmente apreciadas e aquelas que merecem ser esquecidas.

No entanto, no seio de uma universidade que tem como premissa a conquista e ampliação do saber, a arte e a cultura devem ser tratadas com eficácia, como se fosse uma arma. Na nossa conjuntura de subdesenvolvimento e dependência, é uma arma para guerrear contra a pobreza e a ignorância. E como diria Darcy Ribeiro (1986, p. 20), "o acelerador da história é o Saber", e continua: "ao menos é esse o acelerador que a nós, universitários, cumpre dominar e manejar. Este é o sentido profundo do nosso princípio de fidelidade aos padrões internacionais do Saber".

Por isso, dada a importância da universidade como fonte e transmissão do *saber*, nela está inculcada a inexorável missão de emitir valores que sejam adequados e benéficos para a sociedade. Cabe à universidade saber dialogar em seu interior e saber transmitir o seu conhecimento em todas as esferas possíveis de atuação, sobretudo a artística e a cultural. A sociedade necessita de sua presença como foco para iluminar e apontar caminhos para a valorização da produção e apreciação cultural que sejam realmente condizentes com a elevação do espírito humano.

O saber artístico e cultural e a sua transmissão é, sem dúvida, uma arma contra a ignorância e o subdesenvolvimento. Cabe às universidades colaborar na propagação da arte, sabendo respeitar e valorizar a diversidade cultural, a sua pluralidade de manifestações, estando cientes de sua função como geradoras da cultura e do saber.

Nessa conjuntura de importância que a universidade está situada no contexto social é que deve ser filtrada a sua atuação, estando ciente de sua importância como instituição cultural.

A universidade tem o dever de estimular a arte e a cultura como parte da formação de seus alunos e também tem o dever de atuar na sociedade a qual se insere, de modo a contribuir com a ampliação do conhecimento artístico e cultural.

Uma das mais significativas tarefas da universidade é articular a cultura, entendendo e valorizando a diversidade natural nela instituída.

No contexto cultural, a universidade deve saber se situar no seu território de ação, tendo uma participação assídua no cenário artístico a fim de propagar qualitativamente os mais variados modos de arte. É importante que esteja presente na comunidade de modo a partilhar, preservar e propor novas articulações em proveito de uma identidade regional que contribua para a identidade nacional.

A participação do professor artista na universidade engendra com facilidade a articulação norteadora da conduta universitária: o ensino, a pesquisa e a extensão. O professor artista poderá desenvolver a sua pesquisa, realizando uma produção artística, poderá fazer extensão expondo a sua produção ou poderá também atuar como professor extensionista propondo mostras como curador, entre tantos outros afazeres.

Para ser um artista de fato é importante pesquisar, produzir, expor e perceber o público, entendendo como a sua obra está sendo considerada ou reconhecida como arte. No âmbito artístico, não há como ser um artista se não se faz a extensão do que se realiza. No âmbito maior, a universidade apenas alcançou em sua totalidade o que para o artista já é ponto consumado e entendido em sua própria carreira artística. No sentido figurado, muitos dizem, e cada vez está se tornando consenso, que o artista sempre está à frente de seu tempo.

Embora haja distinção entre as universidades, no geral, o artista quando se envolve com o seio universitário acelera a sensibilidade estética dos colegas para uma visão mais ampla no sentido cultural. Geralmente, o professor artista que é pesquisador ou extensionista, sabe que é necessário ter paciência para que o seu trabalho na universidade possa ser considerado e percebido. No entanto, ele sabe também que, mesmo que pareça que os seus feitos e afazeres na área cultural não são valorizados, sua presença é insubstituível para o crescimento da instituição, a fim de que esta possa esboçar possibilidades de equilibrar com bom senso a formação universitária, independente da área, para que seus alunos possam expandir a sensibilidade estética e o respeito com focos culturais expressivos que tanto "falam sobre" e "denunciam" a vida e o mundo.

Sabe-se que há uma heterogeneidade de ação quanto à atuação e ao entendimento sobre a questão cultural na universidade. Enquanto, em algumas, existem museus que realmente funcionam, em outras, nem sequer existe algum plano de ação cultural.

Ainda temos muito que batalhar para que a cultura deixe de ser considerada supérflua. Contudo, tirando esse lado impróprio de infelicidade profissional, diria que há muitos e inúmeros pontos positivos realizados e alcançados pelo professor artista que labuta no seu dia a dia para a valorização da arte e sua apreciação, buscando maior entrosamento entre os propósitos da universidade com a cultura e a arte.

Pode-se mudar a casca, mas a essência é similar: a presença do artista na universidade contemporânea é imprescindível para viabilizar um melhor entendimento sobre a conduta humana e um equilíbrio maior entre as potencialidades do "humano".

ASPECTOS DA PARTICIPAÇÃO DO ARTISTA NA UNIVERSIDADE

A universidade é a soma de suas partes e cada segmento tem sua importância. No entanto, pode-se perceber a qualidade de uma universidade por sua atuação cultural e artística. Quando há segmentos instaurados nela que promovem a arte e a cultura, pode-se dizer que a universidade é mais completa, plena. O artista no contexto da universidade é insubstituível por ser necessário existir a sua atuação nos mais variados momentos da vida universitária.

Entende-se por artista aquele profissional comprometido com a criatividade e com a autenticidade, capacitado em perceber a esfera em que trabalha para propor realizações que ampliam a sensibilidade e a visão estética de sua comunidade e que suas ideias e feitos possam refletir beneficentemente para a sociedade. Existem artistas que acham que a tinta serve para pintar a tela, mas a universidade tem de ter artistas que acham que a tinta serve para pintar o mundo.

Descrevo, a seguir, alguns pontos da minha carreira que me fazem pensar e repensar o contexto do artista na universidade. Desenho e pinto desde criança. Aliás, era considerado prodígio no meio artístico na época. A minha carreira artística foi meio meteórica, participando de salões e recebendo prêmios desde a juventude, antes mesmo de cursar a licenciatura em Artes. Iniciei a minha carreira docente muito cedo, no final da década de 1970, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Logo que aconteceu a oportunidade de desenvolver projetos, além do ensino, fixei-me com a carga de professor voltado para a extensão ou a pesquisa. Entre as minhas primeiras propostas de trabalho de extensão, ainda em meados da década de 1980, realizei, como o curador, a I Bienal Internacional de Gravura, evento que aconteceu no Museu de Arte Contemporânea de Campinas (Macc) e seguiu itinerância em outras cidades no decorrer de 1987.

De lá para cá foram mais de 150 mostras realizadas em nome da universidade, onde pude atuar como curador, pesquisador ou extensionista. Entendo que, se não fosse assim, não seria o mesmo professor em sala de aula porque aprendi demais com a minha atuação extra-aula na área artística e cultural com os trabalhos que realizei, tanto na extensão quanto na pesquisa e, certamente, isso resultou em uma ampliação de conhecimento, além da habitual leitura de livros e teorias.

A pesquisa e a extensão me fortaleceram como docente, por assimilar conteúdos que, de outra forma, não poderiam ser gerados. Da produção de meu trabalho como artista, lidando com várias possibilidades técnicas das artes visuais, houve ampliação eficaz de conhecimento para melhor transmitir e realizar o conteúdo programático das disciplinas que ministro.

Na pesquisa, pude compreender melhor o que realizo como artista e também o que os outros artistas realizam. No âmbito da extensão, pude realizar curadorias diversas relacionadas com as disciplinas que ministro e a cada evento realizado aprendi um pouco mais sobre a arte e o artista. A cada realização e a cada ideia cultural que concretizava no meu dia a dia destinado à minha profissão docente me enriquecia sobremaneira, esperançoso de estar contribuindo para a ampliação da sensibilidade e apreciação cultural tanto da comunidade interna quanto da sociedade. Sabemos que isso é um caminho infundável, pois como docente crescemos à medida que "alargamos" e "alastramos" os nossos feitos positivos e conhecimento em prol do outro.

A fim de explanar um pouco sobre a minha produção como artista, menciono algumas obras que criei para compor a mostra intitulada "Vicinalidades"¹. Criei obras a partir de homenagens a alguns artistas. Não se tratou especificamente de uma releitura visual, mas de um elo no contexto mental entre a minha obra e a produção desses artistas.

A criação dessas obras gerou uma oportunidade de me compreender melhor como artista visual. Criei instalações mantendo um elo com o meu trabalho anterior e também em sintonia com as mensagens de determinada produção dos artistas escolhidos. Essas obras completaram uma etapa de produção e abriram outra. Romperam com a necessidade pessoal que tinha em me manter fiel ao realizar uma determinada quantidade de obras, sempre respeitando a coerência técnica e temática. Assim como o meu apego à fase da "sátira" em minhas gravuras que perdurou por vários anos.

Percebia que estava chegando o momento de avançar para novas direções. O aproveitamento de objetos, caixas de madeira, banquinhos e outros materiais que há algum tempo

1 - Mostra relacionada com a Tese *Trajatórias e vicinalidades entre a gravura, o objeto e a instalação*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Doutor em Artes. Galeria de Arte (IA - Unicamp, junho de 2009).

participavam de algumas das obras que realizei nos últimos anos, passou a ser um ponto comum de utilização e manuseio.

A variedade de materiais é um estímulo à experimentação de como interferir sobre os mesmos e associá-los entre si. É um modo de expandir a expressão buscando linguagens diferentes. Quando surge a ruptura consciente, que possibilita a criação para novos campos, é um verdadeiro impulso à reflexão e liberação de eventuais amarras que necessitavam ser desatadas.

O desenvolvimento dessas instalações trouxe a oportunidade de rever algumas obras que fiz em épocas passadas que estimularam a criação de novas obras e serviram para alinhar o eixo substancial da minha produção atual.

Também foi significativo poder me perceber como apreciador cultural. Foi por meio da minha apreciação como visitante de exposições que pude estimular a minha criatividade. Lembrar que vi as gravuras de Antonio Henrique Amaral quando eu tinha 11 anos e que as suas obras, de modo geral, me cativavam, serviu para realizar um conjunto de obras em sua homenagem, cujo diálogo visual se projetou no resultado final de um combate, no qual as perfurações com pontas foram evidenciadas.

A banana que surgiu em meu trabalho, na gravura "O comedor de banana", sem ter relação direta com a obra do artista, pôde ser redirecionada como referência à sua obra de modo proposital (Figura 1).

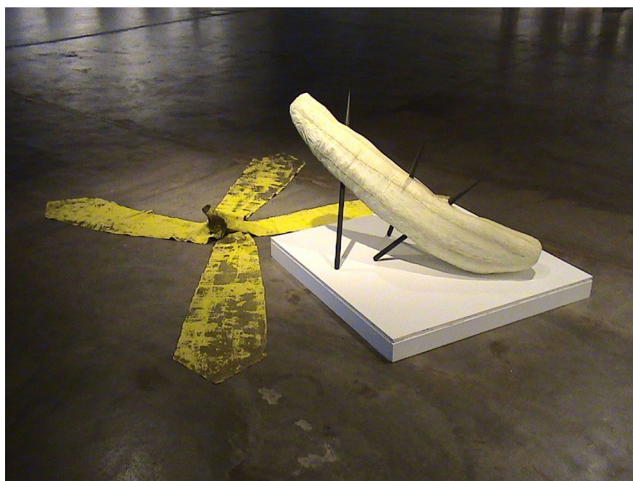


Figura 1 Banana com casca. Madeira, espuma, barbante, tecido e acrílica. 2009. 250 x 120 x 250 cm.

Fonte: Acervo do autor.

O grafismo que desenvolvia em meus desenhos no final da década de 1960 até meados de 1970, tinha a linha como partida preenchendo o espaço todo do papel. Ao ver as obras de Arthur Bispo do Rosário, eu senti similaridade com esse modo de preenchimento do espaço que o artista também fazia em seu trabalho. Realizei a instalação em sua homenagem, sendo que os espaços das obras colocadas na superfície da parede foram preenchidos por completo (Figura 2).



Figura 2 Deposítório para um Anjo. Material misto. 2009. Conjunto: 300 x 600 x 200 cm.

Fonte: Acervo do autor.

Percebi nas obras de Luise Weiss o modo de interpretar seu mundo próximo, suas lembranças e guardados como fonte artística, como um elo fundamental entre o fazer e o existir. Creio que isso me aproximou do seu trabalho. Apreciando suas obras, passei a me interessar pelo meu próprio baú do passado. Justamente, sobre o meu passado, se existe um tema mais forte e difícil para mim é sobre o meu pai. Fiz uma instalação que, além de remeter ao senso imagético de Luise, é também uma homenagem ao meu pai, fazendo da minha tristeza o berço para a criação, transformando a ausência em presença, como fruto e sintonia com a minha própria vida. Era o momento de eu externar a gratidão por ele ter sido o meu pai (Figura 3).



Figura 3 Gavetas do tempo. Painel fotográfico e objetos. 2009.
Conjunto: 450 x 90 x 160 cm. Painel fotográfico: 100 x 120 cm.

Fonte: Acervo do autor.

Pude observar, em várias oportunidades, os emblemas transcendentais de Rubem Valentim, que transmitem pureza, objetividade e a representação da miscigenação do povo brasileiro. A instalação que fiz em sua homenagem propõe dogmas como relação à sua obra (Figura 4). No meu caso, a criação nasce do sentimento, não tenho como separar o fazer e o sentir para produzir algo em artes.

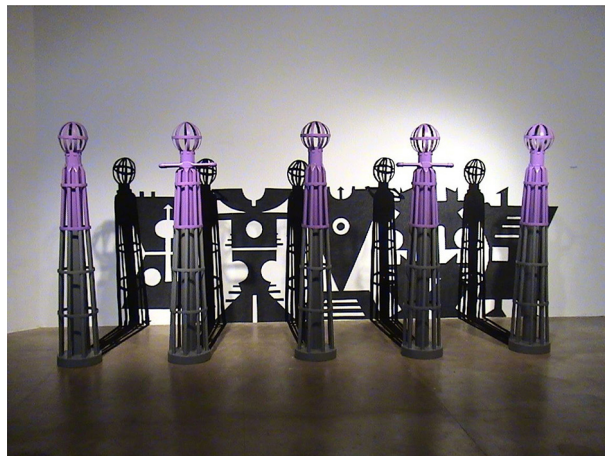


Figura 4 Sombras emblemáticas. Canos de PVC, cimento e carpete. 2009. 310 x 160 x 100 cm.

Fonte: Acervo do autor.

A escolha da produção dos artistas para servir de estímulo para a minha nova criação realizada aconteceu pelo "sentimento". A palavra parece vaga se não for direcionada. O sentimento como sensação por ter apreciado, visto com admiração. Vi as obras de cada artista escolhido e admirei, tive uma empatia pelo modo singular de criação de cada um deles. Isso formou o respeito que tenho por suas obras.

As palavras de Octavio Paz (1991, p. 52) me auxiliam a uma compreensão: "sentir é antes de tudo sentir alguma coisa ou alguém que não somos nós. Sobretudo: sentir com alguém. Até para sentir a si mesmo, o corpo busca outro corpo. Sentimos através dos outros".

Acrescento ainda o dizer de João Francisco Duarte Jr. (2006, p. 217): "Tudo aquilo que é sentido por nós faz sentido, ao mesmo tempo que nos indica um sentido a seguir". O sentido que segui nessas criações foi o de unificar a admiração, o respeito e a gratidão. Admiração como resultado de uma "empatia" pelas obras dos artistas escolhidos. Respeito por tentar entender as situações em que as suas obras foram criadas e ter consideração por eles como artistas importantes. Gratidão por realizar uma sintonia com suas obras como agradecimento por suas capacidades artísticas.

Os meus modos de apreciar e de agradecer foram os meios aparentemente simples que me levaram a realizar essas criações. Mas, não é tão simples assim. Há no bojo dessa minha "apreciação" muitos argumentos e um deles, que considero primordial, é que, de algum modo, as obras desses artistas marcaram a minha memória. Marcado, quero dizer, registrado em minha memória como algo elevado, autêntico e próximo.

Considero "próximo" porque me identifiquei com suas obras. Isso me fez recriar a minha própria condição de artista, sintonizando-me com essas criações. A escolha de quatro artistas foi adequada com a execução de quatro instalações, contendo objetos, pinturas, gravuras, fotografia e obras feitas por impressão digital. Enfim, possibilidades materiais e alternativas visuais que me representam atualmente como artista.

Como identificação que sinto com as obras dos artistas escolhidos, há a questão do nacional e do autêntico. Eles e eu, também me coloco nesse quadro, temos em comum na realização de nossas obras artísticas o elo com a vida pessoal, com nossas particularidades cotidianas. "Ninguém revive a história alheia" dizia Darcy Ribeiro (1986, p. 24). Cada um de nós tem um caminho próprio e único.

O senso comum entre os artistas escolhidos é a autenticidade com que, ao mesmo tempo em que representam a si próprios, também fazem parte dos diferentes aspectos que compõem o mosaico da arte contemporânea brasileira hoje. Suas obras me atraem pela coerência, expressão pessoal e obstinação nas trajetórias pautadas pela autenticidade de criação.

Temos aqui, algumas habituais menções que permeiam as minhas obras criadas: memória, sentimento, gratidão e ser brasileiro. Creio que estas palavras representam a motivação principal da minha produção realizada.

A minha obra nasce de onde estou e de situações em que vivo. Dou valor àquilo que está próximo, mais direto, não impedindo a compreensão das informações que me vêm de longe, de forma mais indireta. Para traduzir o meu pensamento, recorro às palavras de Paulo Freire (2000, p. 42): "A minha mundialidade se explica por minha brasilidade, a minha brasilidade se explica por minha pernambucanidade, a minha pernambucanidade se explica por minha recifensidade".

Se a minha obra contém significados universais, isso é natural, próprio do contexto "arte" em ultrapassar fronteira. Mas, a origem do que faço artisticamente está em mim, naquilo que me cerca e naquilo que vivo.

SUBSÍDIOS PARA UMA CONCLUSÃO

Cultura é a manifestação do ser humano no planeta. Ela provém da imaginação e invenção do homem que designa valores para o que o cerca e o que convive, criando e recriando novas situações práticas e ou teóricas ou imitando e reproduzindo aquilo que faz parte de seu mundo imaginado por seu semelhante. A cultura é tudo que envolve a ação e o pensamento do homem. É a sua construção de mundo que vai se alterando conforme acontecem novos elementos que vão se interagindo ou superando os modelos existentes.

A cultura se cristaliza na moral, na técnica, na comunicação, na interpretação e no modo de viver de cada sociedade, nos inventos, nas crenças e, até mesmo, nos genocídios e na guerra entre os povos. O homem é um ser cultural. Tudo que ele faz e vive participa de uma determinada cultura, quer seja para o lado do bem, como para o lado negativo, como a violência. O nosso patamar de civilização, conjunto de características próprias à vida social coletiva, oscila e mescla ambos os lados, o que é bom e o que é mau para o ser humano. Sem dúvida, devemos rumar para a ampliação do bem, eliminando o negativo.

Na esfera da amplitude da vida do homem como um ser cultural, há segmentos por ele criados que pertencem à elevação do espírito. Entre esses segmentos existem os considerados bens materiais que compreendem os bens móveis e imóveis de um povo, podendo se consubstanciar de diversas formas como: mobiliário, objetos utilitários, conjuntos urbanos e paisagísticos, pintura, escultura e outros; e os bens imateriais como produção cultural de um povo, na pluralidade étnica que o compõe e pode abranger: as expressões musicais, a dança, a memória oral, a alimentação, as manifestações religiosas etc.

Como senso comum, fruto dessas manifestações culturais existe a *arte* como algo produzido pelo ser humano que demonstra o seu mais alto grau de criação cultural.

Assim, é comum entendermos como manifestação cultural tudo aquilo que envolve a arte, como a dança, a arquitetura, o cinema, a obra de arte etc.

Como diriam os historiadores, a grandeza de um povo reflete em sua arte. Esta, por fim, representa o estágio de seu povo, que a fez nascer, na civilização.

Com função insubstituível para a complementação da formação do homem como um ser social existe a escola. No sentido de formar e preparar o cidadão, como um profissional apto a desenvolver a profissão que interage com o seu meio com a incumbência indissociável de melhorar e de auxiliar a sanar os problemas comuns da sociedade onde vive, existe a universidade. Esta é uma casa fundamental do saber, onde há ou deveria existir a reflexão maior do homem para apontar e indicar rumos para um futuro mais adequado e justo para o convívio dos seres humanos, ampliando a cultura do bem.

A universidade tem por obrigação formar o cidadão que não somente conheça a conjuntura de sua aptidão profissional. Mas que, além disso, tenha um comprometimento como ser social, relacionando-se em seu meio de modo reflexivo, cuja ação resulte na ampliação da justiça, da honestidade, da ética e do respeito com o seu semelhante e com o planeta e natureza em que vive.

A universidade deve oferecer à sociedade a sua completude. Nela, a estruturação de um todo, envolvendo a pesquisa, o ensino e a extensão, deve refletir o seu conhecimento e a sua ação para a formação de seus alunos, que, por meio de suas atuações futuras como profissionais e seres sociais, sejam cidadãos com sensibilidade e discernimento para irradiar valores dignos para o bem da sociedade, ou seja, de todos nós. A universidade deve apontar caminhos à sociedade para a efetivação do bem social, valorizando a realização de eventos, ações e serviços que sejam condizentes com a sua missão ética e profissional como uma casa do saber.

Nesse sentido de apontar caminhos para o aprimoramento da sensibilidade para um melhor convívio e respeito entre os indivíduos, a universidade ampliará o senso de justiça social e transbordará o seu conhecimento para que a sociedade possa se beneficiar de sua participação ativa como polo emissor de valores.

Na esfera do conhecimento, o racional e o não racional, a razão e o imaginário fazem parte de um todo. Quando a tendência impera para um lado em detrimento do outro acontece um desequilíbrio que altera os princípios da inteligência humana que não é restrita somente pela parte racional, como novos estudos têm comprovado. A ciência e a arte se completam como expressão do ser humano. A fusão e o equilíbrio entre o racional e o não racional, a razão e a imaginação, se completam compondo a ordem natural da sabedoria humana. Conhecer a comunicação das expressões artísticas e culturais é ampliar o conhecimento e a sensibilidade que reforça e desenvolve a inteligência do indivíduo.

Quando mencionamos a sensibilidade diante das expressões artísticas e culturais, não queremos dizer que se restringe ao aspecto somente da produção de uma determinada obra. Nesse âmbito, cabe aos artistas, aos músicos, aos poetas e aos criadores artísticos se manifestarem por meio de suas criações. Embora toda criança nasça com dons para a aptidão artística, com o passar dos anos, nem sempre os adultos a mantêm consigo. A convivência social com

o mundo adulto geralmente atrofia essa qualidade inerente à infância. Contudo, há o lado da apreciação cultural e artística que deve ser valorizada e alastrada para que a sensibilidade e a predileção por arte e cultura possam resplandecer no ser humano como cidadão.

Sabemos que todas as áreas do conhecimento são importantes para a sociedade. A arte e a cultura como representação do imaginário de um povo precisam ser valorizadas e reconhecidas, caso contrário o indivíduo se torna presa fácil de uma imposição do mercado cultural que introduz na sociedade um rumo de apreciação voltada para a passividade, visando a supremacia de um consumo exacerbado. O ser humano, desprovido de um senso crítico, cuja sensibilidade e emoção estão atrofiadas, não sabendo distinguir os reais valores para uma conscientização de sua existência no mundo, é, sem dúvida, um indivíduo incapaz, doente, que não sabe usar a sua capacidade natural de pensar, viver e apreciar a sua estada em um mundo repleto de maravilhas em todos os sentidos.

A universidade deve ser um instrumento cultural para emitir valores artísticos para a sociedade, de modo que esta possa apreciar a arte e a cultura de qualidade. Isso significa que a universidade deve estar ciente de que nem tudo é arte e cultura que deva ser transmitida. Ela não pode atuar num vale-tudo em nome da *arte*. Deve seguir a sua missão, sabendo filtrar e escolher, no bojo artístico e cultural, quais artistas, grupos de teatro, músicos e outros segmentos da produção artística devem ser apresentados e incentivados. Deve também oferecer momentos para propiciar à sua comunidade interna e à sociedade a ampliação da sensibilidade, da apreciação e do conhecimento sobre a arte e a cultura, sem ter uma preocupação maior, como se o evento artístico tivesse de ser algo além de si mesmo.

Cabe à universidade promover exposições de artes plásticas e apresentar concertos musicais, peças cênicas e de danças e incentivar a produção de artes, proporcionando essas oportunidades para aguçar a sensibilidade de seus universitários e também da sociedade em que se situa. E tudo isso de acordo com seus princípios de alargar o conhecimento da sociedade para a formação do cidadão comprometido com o bem-estar de seu meio social.

A propagação da arte e da cultura é uma arma contra o subdesenvolvimento, se pensarmos que gostaríamos de formar um país no qual não exista fome e todos tenham moradia, onde os doentes e idosos sejam amparados e no qual a desigualdade social desapareça, com trabalho acessível a todos, com inclusão social e sem preconceito racial. Para que a justiça impere e a sociedade possa ser composta por cidadãos honestos e dignos, é necessário que tal evolução aconteça pelo caminho do *coração*, da solidariedade e do amor. E, para isso, é primordial que o indivíduo desenvolva a sua inteligência de modo mais completo, não somente pelo raciocínio, mas também pela sensibilidade; que ele saiba raciocinar, trabalhar e agir para o bem geral da sociedade, mas que tenha também a sensibilidade para perceber o encanto inefável da vida que está contida em uma comunhão de saberes, o que nem sempre está claro para todos, por estarmos num estágio da civilização que ainda carece de percepção para entender e apreciar o trabalho humano além da utilidade.

A universidade se torna um veículo insubstituível de propagação dos saberes em todas as suas amplitudes. Quem não se emocionou com um belo filme ou com uma bela música? Sabemos que existe a beleza estética que nos envolve, mas, assim mesmo, a arte e a cultura são "saberes" que ainda precisam ser mais bem decifrados, apreciados e entendidos. Mas, para que sejam entendidos em toda a sua plenitude, é necessário que o ser humano saiba apreciar com o sentimento, e isso não pode ser quantificado e medido de modo a corresponder fielmente com o ato de sentir.

É necessário que o seu corpo saiba, assim como quando aprecia um alimento saboroso, sentir as qualidades de um concerto musical e distinguir a criação artística e cultural genuína daquela superficial que está espalhada em nosso meio. E, se a universidade – que, por sua razão de existir, é o lugar que deve refletir e proporcionar oportunidades para que a sociedade amplie o saber e o conhecimento – não souber estimular e reconhecer a arte e a cultura como espelho do povo, ela, sem dúvida, estará atrofiada e inequívoca, deixando de prover verdadeiros significados e predicados para a existência humana.

A invenção do novo, o imaginado faz gerar a cultura. Por sua vez, a cultura cria, destrói e recria. Ela está em trânsito. Pode ser revolucionária, como a arte nos mostra por meio de sua história. Pode estar inserida na economia, mas o artista sempre deve estar à frente, ampliando os limites para a sua criação. O artista inova e quer revolucionar. O "novo" em si pode ser bom ou não, assim como a tradição cultural. Devemos saber distinguir o que é bom para cultivar as tradições humanísticas positivas, rejeitando as desumanas e cruéis. Exemplos negativos não nos faltam, como a guerra e a escravidão.

Devemos combater as tradições cruéis que atrasam a humanização do ser humano. "Devemos recorrer às nossas boas e sadias tradições quando somos invadidos pela mídia globalizada, arte enlatada, notícias manipuladas, ódio racial, pensamento único" (BOAL, 2006).

Somos os inventores do mundo. Há de criarmos condições para a melhor convivência entre nós e com o planeta. A universidade não pode se fechar em si mesma; ela tem de estar aberta e empenhada para propor soluções para os problemas da sociedade.

Assim como criei obras em sintonia com as criações de outros artistas, é necessário que a universidade contemporânea consiga ressignificar a cultura, os hábitos positivos da sociedade, abrindo as portas para as manifestações de arte, mantendo elos com a tradição, com a raiz essencial para a condição de "humanização" ao tempo em que ativa a contemporaneidade.

O artista na universidade contemporânea deve estar intrinsecamente ligado às suas raízes internas, do seu próprio "eu" para atingir os objetivos que propõe.

Cabe à universidade estimular e não tolher as formas artísticas autênticas, ao passo que valoriza a arte e a cultura que devem ser transmitidas. Há a necessidade de educar de forma a valorizar não apenas os bens materiais como os bens imateriais, sensíveis à condição de ser humano.

Paulo Freire dizia com veemência que educar é um ato de humanização, de tornar as pessoas gente melhor. Gente mais gente (FREIRE, 1997, p.163).

Se é certo que o artista tem muito que aprender com a universidade, também é certo que a universidade sem ele está incompleta. A arte é a poesia da vida. O nosso diálogo íntimo nunca cessa, oscila entre a sabedoria e a loucura, a ousadia e a prudência, o desprendimento e o apego, enfim, vivemos numa tensão dialógica que, para citar Morin, "mantém permanentemente a complementaridade e o antagonismo entre amor–poesia e sabedoria–racionalidade" (MORIN, 2005, p. 11).

A universidade contemporânea deverá compor e extrapolar o seu conhecimento entre amor–poesia e sabedoria–racionalidade.

University, art and solidary formation

Abstract – The work aims, from a reflective perspective of the progress in relation to ethical dignity, present a philosophical justification of the necessary articulation among culture and art, in a determining university, for the expansion of a full and balanced knowledge that leads to a solidary formation and promotes its community and society. Defends the idea of the participation of the contemporary artist in the affairs of the university context among the three inseparable and complementary functions: teaching, research and extension. Advocates the establishment of a contemporary University that can be really useful to the Brazilian society and commits to the production of knowledge, combining culture and art in its everyday live for the establishment of a new social consciousness that can build citizenship based on common good of society.

Keywords: university, artist, art, culture, citizenship.

REFERÊNCIAS

- ACHA, J. O consumo de arte e seus (d)efeitos. *Revista Humboldt*, Bonn, n. 69, p. 54–59, 1994.
- ARAÚJO, A. Professores fora da vida cultural. Isso é um escândalo. Entrevista concedida a Regina Zappa. *Continente Multicultural*, Recife, v. 6, n. 61, p. 4-7, jan. 2006.
- BOAL, A. O que é cultura? In: FÓRUM CULTURAL MUNDIAL, 2006, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://acaodacidadaniainfolink.com.br/templates/acao/novo/publicacao/publicaca.asp?codCanal=6&codPublicação=1233>>. Acesso em: 22 jul. 2008.
- COSTA, C. *Questões de arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.
- DELORS, J. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, 1997.

DUARTE JR., J. F. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. 4. ed. Curitiba: Criar, 2006.

ECO, H. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1968.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

GENRO, T. A reforma da educação superior do Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL REFORMA E AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR – TENDÊNCIAS NA EUROPA E NA AMÉRICA LATINA, 2005, São Paulo. *Anais...* Brasília: Inep/MEC, 2005. p. 9-17.

MARCUSE, H. *Cultura e psicanálise*. Tradução Wolfgang Leo Maar, Robespierre de Oliveira e Isabel Loureiro. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

MORIN, E. *Amor, poesia e sabedoria*. Tradução Edgard de Assis Carvalho. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, E.; ALMEIDA, M. C.; CARVALHO, E. A. (Org.). *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez, 2002.

PAZ, O. *Convergências: ensaios sobre arte e literatura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

PETRELLA, R. *El derecho a soñar: propuestas para una sociedad más humana*. Barcelona: Intermón Oxfam, 2005.

RIBEIRO, D. *Universidade para quê?* Brasília: Editora da UnB, 1986.

ROSSATO, R. Humanismo na Universidade em Tempos de Globalização. In: PEREIRA, E. M. de A. (Org.). *Universidade e Educação Geral: para além da especialização*. Campinas: Alínea, 2007. p. 127-154.

SANTOS FILHO, J. C. Educação geral na universidade como instrumento de preservação da herança cultural. In: PEREIRA, E. M. A. (Org.). *Universidade e educação geral: para além da especialização*. Campinas: Alínea, 2007. p. 17-64.